

PELOS CAMINHOS DA GEOGRAFIA HUMANISTA

Tiago Vieira Cavalcante¹

HOLZER, Werther. **A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: Eduel, 2016. 392p.
ISBN: 978-85-7216-730-7.

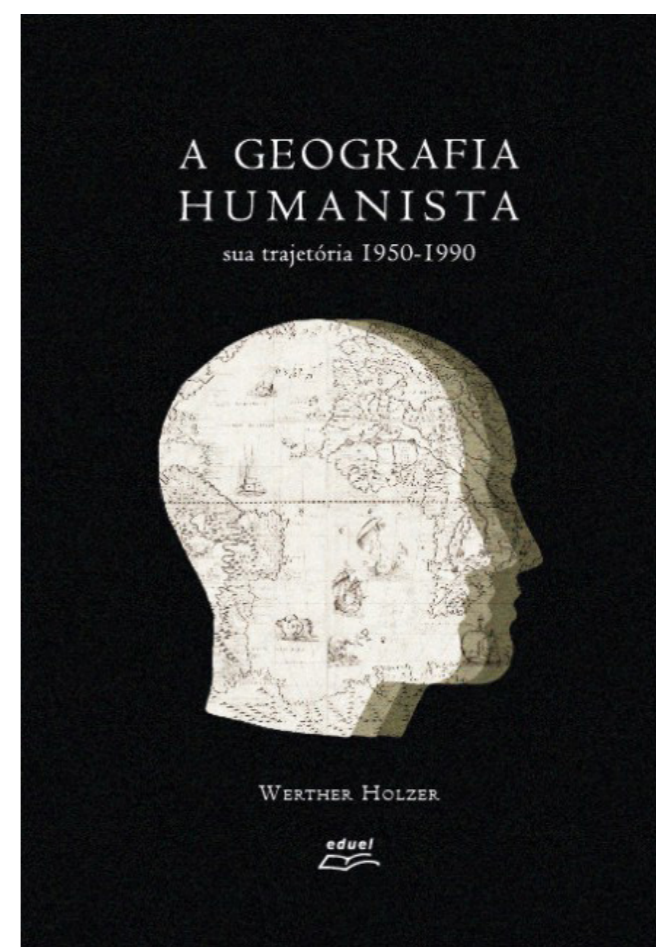
Sigo aqui dois caminhos para atravessar o livro *Geografia humanista: sua trajetória 1950-1990*, de autoria de Werther Holzer, professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF/Niterói). O primeiro, diz respeito à alegria de ter o livro em mãos, o segundo, à satisfação de lê-lo.

Como estudantes, professores, pesquisadores, convivemos cotidianamente com livros de todo tipo. Alguns são mais sérios, científicos, relacionados aos temas por nós estudados, à profissão que escolhemos exercer. Já outros, lemos por puro prazer, são livros cheios de magia, que exercitam nossa imaginação em torno de histórias e geografias, das tramas que envolvem os mais curiosos personagens. Nos dois casos, temos livros que amamos e por isso eles nos são essenciais na hora do trabalho ou do lazer.

Alguns desses livros encontramos facilmente em livrarias, sebos ou mesmo via internet. Não é difícil adquiri-los, comprá-los, manuseá-los, fazer uma leitura deles, mesmo rápida, para saber se valem mesmo os nossos suados tostões. Outros são antigos, raros, publicados em pequena quantidade e por isso mais difíceis de serem encontrados.

Quando escrevo da alegria de ter o livro de Holzer em mãos, quero contar dessa dificuldade; do quão complicado foi, finalmente, poder passear por suas páginas, palavra por palavra, numa leitura que mesclou trabalho e lazer, aprendendo mais sobre geografia humanista.

É certo dizer que o livro só chegou ao público em 2016, mas seu conteúdo há muito é conhecido por alguns felizardos que tinham a cópia da volumosa dissertação de mestrado, defendida no ano



de 1992, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a orientação do insigne Maurício de Almeida Abreu.

Dessa dissertação a maioria tinha apenas notícia: era o meu caso. Nos textos escritos por geógrafos brasileiros que versavam sobre geografia humanista, a referência ao

¹ Doutor em Geografia (UNESP/Rio Claro), Mestre e Graduado em Geografia (UFC). tiagogeografiaufc@gmail.com.
✉ Universidade Federal do Ceará. Campus do Pici – Centro de Ciências – Departamento de Geografia – Bloco 911. Fortaleza-CE, 60,440-900.

trabalho de Holzer era praticamente certa. Eu lia os textos e queria a referência, mas quem possuía uma cópia? No Ceará, ninguém! Só em Rio Claro, São Paulo, já no doutorado, fiquei de frente com uma. A querida professora Livia de Oliveira, minha orientadora, tinha uma cópia que fora enviada pelo próprio autor, por correspondência. Dissertação volumosa, com mais de 500 páginas, datilografadas, já com as folhas amareladas pela força do tempo. Pedi emprestada, coloquei-a na mochila e em casa me deleitei. Logo pensei em fazer uma cópia, mas soube que a dissertação, enfim, viraria livro. Que maravilha!

Com o livro em mãos, adquirido em um dos eventos organizados pelo Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural, o VII Seminário Nacional de Geografia e Fenomenologia, acontecido em Limeira, São Paulo, fiz uma leitura vagarosa, demorada, um pouco diferente daquelas que fazemos quando temos toda uma tese por escrever.

Da leitura, logo na primeira parte, a qual aborda das sobre as origens da geografia humanista, o contentamento de aprender mais sobre os estudos de Carl Sauer e John Wright, tão atentos aos dilemas da geografia, na consideração dos sentidos e sentimentos dos homens em relação às paisagens e regiões. Sinal de que na denominada geografia tradicional, clássica, havia geógrafos sensíveis às subjetividades, preocupados com a maneira como os homens apreendiam e habitavam a Terra. Mote para os trabalhos de Eric Dardel, David Lowenthal e Yi-Fu Tuan, responsáveis por uma virada epistemológica e ontológica em nossa ciência, colocando o homem, em sua totalidade, no seu devido lugar.

Geografia que ganha força humanista a partir dos estudos de percepção ambiental, tema da segunda parte do livro, e do interesse pelas filosofias do significado, tratadas em sua terceira parte. Pela percepção do meio que nos envolve sentimos o mundo e o contamos,

damos a ele tons pessoais; aos geógrafos, cabe a análise e interpretação das diferentes cores, nuances que conformam nossa compreensão do planeta. Pelo existencialismo e a fenomenologia, a consideração do mundo vivido, das experiências que revelam o cotidiano, das angústias, paixões e virtudes que formulam geografias cativantes. Nos dois casos a consciência dos limites do positivismo e de que todos nós, a partir de nossas geografias pessoais, temos algo para acrescentar ao conhecimento geográfico.

Ao longo do livro, passeando com o autor pelas contribuições dadas à geografia humanista pelos mundos anglo-saxão e francófono, abordados, respectivamente, na quarta e quinta parte do livro, entendemos que toda geografia, tanto a vivida como a pensada, é uma mistura de ideias, pessoas, escolas, noções, afetos. A consideração dessa mistura enriquece nossa ciência, pinta distintos mapas, fomenta a discussão e contribui com um debate fundamental: a de uma nova ética das relações humanas e ambientais, como o próprio Holzer sugere em sua conclusão. Ética mais do que nunca necessária para repensarmos as formas como nos apropriamos da Terra.

No final da leitura tive a certeza de estar diante de uma preciosa obra de história do pensamento geográfico. Com ela coloquei a cabeça no lugar e agora um fio de Ariadne atravessa minha humanista geografia, reunindo o que estava um tanto disperso. Por fim, não poderia deixar de perguntar: de 1990 para cá já se vão 27 anos e quem se aventuraria em desvelar a geografia humanista elaborada desde então? ☉